



BEM NO momento em que me iniciava num novo emprego em Nova York, tive de aprender outra tarefa importante: ser pai. No escritório, havia três novos projetos em processo e, em casa, um filho ainda bebê que crescia depressa e precisava de mim. Dizer que me sentia dividido é pouco, e esse sentimento nunca foi tão claro como certa quinta-feira em que, pela segunda vez nessa semana, eu fazia minha mala para uma viagem de negócios.

«Sei como seu emprego é importante», me disse minha mulher, Ellen, «mas seria bom se você pudesse estar mais tempo em casa.»

Eu sabia que ela tinha razão. Meu filho, Luke, estava com quase 3 anos, e eu também não gostava de me ausentar tanto tempo.

«Ontem», continuou ela, «o Luke an-

Um punhado de amoras silvestres

Meu pai se dedicava muito a seus pacientes, mas sua devoção tinha um preço.

W. W. MEADE

dou pe-la casa perguntando: 'Cadê o papai? Onde é que ele está?'

Ellen queria continuar a falar naquilo, mas eu não tinha tempo. «Querida, preciso mesmo pegar esse avião», expliquei. «A gente fala no assunto amanhã, quando eu voltar.»

Em Chicago, minha reunião acabou cedo e, de repente, vi-me com um par de horas sem ter o que fazer. Assim, liguei para Dan, um velho amigo da família que se tinha aposentado e vivia naquela região, para estar perto dos netos.

Ele havia sido lavrador em Indiana, onde meu pai era médico rural. Enquanto estávamos sentados à mesa da cozinha, ele começou a recordar meu pai e o homem excelente que tinha sido. «Ele nos punha bons, custasse o que custasse», disse ele. «Acho que não havia ninguém naquela região que não gostasse do seu pai.»

Então, para grande surpresa minha, contou-me que, depois de se ter recuperado de um câncer de próstata, tinha caído em profunda depressão, da qual não conseguia sair. «Eu nem estava ligando para ficar melhor», confessou. «Foi seu pai quem me fez sair daquilo.»

Sua lembrança me comoveu, e pus a mão sobre seu ombro. «Ele se interessava muito por seus pacientes», concordei.

Eu sabia muito bem como papai se entregava, mas também não desconhecía que sua devoção e seu trabalho árduo tinham um preço, preço esse que parecia alto demais para sua família.

PAPAI era um homem alto e magro, a cujos olhos azuis da cor do céu nada escapava. Mas, apesar de seu olhar e de sua forma de falar, sérios, não era de difícil abordagem.

Vivíamos numa fazenda, não porque fôssemos lavradores, mas porque muitos dos pacientes de meu pai o eram. Era freqüente pagarem com animais em vez de dinheiro, e por isso meu pai arranjou uma fazenda para fazer pastar seus pagamentos.

Ninguém, porém, poderia negar que papai adorava caçar, e cães de caça foi coisa que nunca lhe faltou. Quem os treinava era eu, até estarem preparados para irem à caça. Meu pai dizia que deixava tal função comigo por não ter paciência, mas muitas vezes as coisas que ele fazia ou deixava de fazer pareciam se articular com o que eu poderia aprender se fosse eu a fazê-lo.

Ele me ensinou tudo. A usar uma serra e a fazer um ângulo reto, por exemplo, habilidades que me permitiram remendar um bote para usar no lago que se estendia junto de nosso prado. Um dos lados ficou um pouco torto, mas papai me ajudou a pô-lo na água e nunca comentou seus defeitos.

A melhor forma de ele me ajudar era fazendo perguntas que me permitiam descobrir meu caminho sozinho. Certa vez em que eu receava ter de lutar com um colega de escola que não me deixava em paz, ele me perguntou: «Mas você pode com ele?»

«Acho que posso.»

«Então, não precisa lutar. Fique em pé aqui e me dê um tranco.»

Obrigou-me a empurrá-lo quase até deitá-lo no chão. «Está vendo? Você só precisa mostrar a ele como é forte. Quer tentar isso para ver se ele não o deixa em paz?» Experimentei e deu certo.

Era esse tipo de ajuda que eu precisava que meu pai me desse. Mas no verão em que completei meus 13 anos, ele praticamente desapareceu de minha vida e eu fiquei sem saber o que fazer.

Havia tanta gente doente que papai passava a maior parte do tempo fora de casa visitando pacientes. Além disso, também estava construindo um consultório novo e tentando ganhar dinheiro suficiente para pagar uma máquina de raios X. Era freqüente o telefone tocar enquanto estávamos jantando e eu o ouvia dizer: «Já estou indo.» Mamãe cobria seu prato com uma forma de torta e punha-o no forno, à espera.

Muitas vezes, ele demorava uma hora ou mais. Depois, eu ouvia o ruído de rodas esmagando as pedrinhas do caminho e corria escada abaixo para me sentar junto dele, enquanto comia. Papai me perguntava como é que o dia me tinha corrido e dava-me os conselhos de que eu necessitava para o trabalho da fazenda. Mas não tinha forças para mais nada.

À medida que o ano foi passando, eu me preocupava com ele e comigo. Sentia falta de sua ajuda, de nossas brincadeiras e estarmos juntos. «Pode ser que já não goste tanto de

mim», pensei. «Talvez eu tenha feito alguma coisa que o desapontou.» Era ele quem me ajudava a crescer, a tornar-me homem, e eu achava que sem sua ajuda nunca o conseguiria.

O LAGO a seguir ao prado estava rodeado por juncos e tabuas. Eu gostava de pescar ali. Jamais havia conseguido fisgar um peixe muito grande; só peixes-luas e alguns bagres. Mas o lago tinha bichos de peso. Eu já os vira saltar, provocando uma turbulência brilhante na névoa das primeiras horas da manhã. Às vezes, a ondulação que causavam estendia-se tão longe que chegava às margens.

Nesse verão, eu costumava me sentar em meu bote e pensar em formas de reconquistar meu pai. Mamãe queria que tirássemos férias, mas ele dizia que não podia por causa do trabalho.

Um dia, ela e eu estávamos na cozinha falando dele. «Tente convencê-lo a ir pescar com você», acabou mamãe por me sugerir. «Uma noite que seja já é uma ajuda.»

No dia seguinte, comecei minha campanha para atraí-lo até o lago. Tinha planejado fazer uma fogueira, assar espigas de milho e fritar o que conseguíssemos pescar. O problema estava em convencê-lo a trocar suas roupas por outras velhas e parar por umas horas.

Por fim, numa sexta-feira, acabei conseguindo arrastá-lo comigo. Fui ao encontro do carro quando ele estava chegando em casa e arrastei-o até o quarto de vestir, onde muda-

mos de roupa. «Vamos pescar e fim de papo», declarei.

E fomos mesmo. Já de pé à beira do lago, jogando a linha na água contra a luz do fim de tarde, eu continuava espantado por ter conseguido convencê-lo. Mais tarde, fui apanhar lenha para fazer uma fogueira. Ainda não tínhamos tido sorte, mas sempre se podia assar milho e conversar.

Enquanto estava nestes preparos, observei-o atirar a linha num buraco fundo junto de um carvalho tombado. «Por favor, faça que ele pegue um peixe», rezei baixinho. «Qualquer um. Só quero que ele consiga.»

Quase como se meus pensamentos tivessem atraído o peixe para a isca, uma perca mordeu o anzol. «Eta-ferro!», gritou papai, e o peixe cor de musgo ergueu-se no ar. Parecia enorme e lutou bravamente, enquanto ele recolhia a linha com perícia e o enfiava na rede. Depois, me mostrou o bicho junto ao fogo.

«Puxa, pai!», exclamei. «Que coisa, hein?»

Ele parecia jovem, feliz, cheio de orgulho. Passei o peixe na farinha e fritei-o. Sentamos numa pedra para comer.

«Tremendo jantar», exclamou ele quando terminou. «Acho que nunca nada me fez tão bem.»

Pôs então a cafeteira no fogo enquanto eu ia até a beira do prado, onde as amoreiras estavam carregadinhas de frutos maduros. Apanhei nossa sobremesa e levei-a de volta em meu boné de beisebol. As amoras comemos com o café, admiran-

do as cores assombrosas com que o Sol tingia o céu, a ocidente. Papai as punha na boca devagar, uma de cada vez, saboreando muito. Então, sem mais nem menos, começou a me dizer o quanto gostava de mim.

«Sabe, filho, você vai ser um sucesso na vida», começou. «Sei isso porque nunca tive de lhe pedir duas vezes que fizesse qualquer coisa. Mas, acima de tudo, porque você é um bom menino.»

A expressão de seu rosto era de tanto amor e orgulho que me senti completamente abençoado.

À medida que a clientela de meu pai foi progressivamente aumentando, porém, momentos como este tornaram-se extremamente raros. Mas sempre que era preciso, eu trazia à lembrança aquele instante junto do lago e como me fazia bem estar junto de papai.

«**P**OIS É», disse Dan, interrompendo minhas recordações. «Seu pai era um excelente homem. E não se limitava a receitar remédios ou injeções. Ele se preocupava muito com as pessoas. Sabia sempre compreender o que a gente estava sentindo.»

«É verdade. Às vezes, sabia», respondi, desviando momentaneamente o olhar.

Foi então que Dan me contou: «Quando eu estava no fundo do poço, pedi a ele: ‘Doutor, dê-me uma boa razão para eu querer sair desta depressão.’ E sabe o que ele me respondeu?»

Dan ficou olhando para mim até eu voltar a encará-lo de frente. «Dis-

se: 'Amoras silvestres. Pense num punhado de amoras silvestres e em como isso é maravilhoso. Apanhar um punhado de amoras silvestres e, junto de alguém que você ama profundamente, comê-las. Pense nisso e me diga se não vale a pena lutar pela vida. Você tem uma mulher maravilhosa e três filhos ótimos. Passe algum tempo com eles. É pela família que vivemos, e não apenas por nós próprios.' Foi o que ele me disse, e nunca mais o esqueci», confessou Dan. «Acho que me salvou a vida.»

Minhas mãos tremiam. A única coisa que eu conseguia fazer era olhar para ele. Tantas emoções me assaltavam que eu não conseguia pronunciar uma só palavra.

NO AVIÃO de volta para casa, fechei os olhos e pensei em mim e no meu pai. Sabia o que tinha significado para mim aquele dia junto do lago, mas jamais havia compreendido o que quisera dizer para ele. Agora, com os olhos da minha memória, conseguia vê-lo de pé, à beira da água, a perca pendurada no anzol, ele cheio de alegria. «Como a ondulação se estende», admirei-me. «Como ela chega longe!»

De repente, vi-me olhando pela janela do avião, desejando que o vôo não se atrasasse. Para variar, queria chegar em casa antes de anoitecer para brincar com meu filho no quintal, enquanto a luz do dia fosse morrendo.

FOTO: AMORAS SILVESTRES, © DE GEORGE LIVADARAS/ENVISION

Jogando no duro

O ELDO Desert Classic é disputado anualmente no Woomera Golf Club, num planalto pedregoso no Sul da Austrália.

Quando dizem deserto, é mesmo a sério. Os únicos locais verdes no campo de golfe são fragmentos portáteis de relva artificial de onde os jogadores dão suas tacadas. Os jogadores de golfe são avisados para usarem luvas, para que os escorpiões não piquem suas mãos quando apanham as bolas do buraco.

O lema do clube? «Morde o meu pó.»

— *Golf Digest*

Estudos básicos

EU TINHA acabado de fazer 18 anos quando saí de casa pela primeira vez para iniciar minha carreira universitária na Universidade da Cidade do Cabo. Minha mãe ofereceu-me vários presentes, incluindo um espetacular conjunto de *lingerie*. Pôs uma etiqueta em cada um dos presentes, mas eu me apercebi de que as etiquetas se tinham trocado quando li a que estava junto com a roupa de baixo rendada. O cartão dizia: «Querida Paula, espero que isto seja uma boa base para os teus estudos. Com amor, mamãe.»

— Paula Marais, África do Sul